
Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa)¹

JOÃO PIMENTA

R E S U M O Este trabalho apresenta-se como uma primeira abordagem ao estudo das ânforas romanas exumadas nas escavações do actual Castelo de São Jorge em Lisboa.²

A B S T R A C T The aim of this paper is to present the first approach to the study of the Roman amphorae from the excavations of St. Jorge Castle in Lisbon.

1. Introdução

As intervenções arqueológicas que se têm vindo a desenvolver na antiga alcáçova de Lisboa, iniciaram-se numa área que se encontrava livre de construções, conhecida como Praça Nova³ (Fig. 1). A escavação dessa zona revelou uma longa diacronia de ocupação, que se materializa numa enorme potência estratigráfica, documentando a ocupação desta área da cidade desde a Idade do Ferro até época romana republicana, voltando a ser reocupada, aparentemente, apenas em época islâmica, perdurando a sua utilização como área habitacional de forma ininterrupta até ao século XX (Gaspar e Gomes, 2001; Gomes e Gaspar, 2001).

Embora a área intervencionada seja de grande dimensão (cerca de 2600 m²), o estado de conservação das estruturas de época moderna, medieval e islâmica condicionaram devido a opções patrimoniais as observações às realidades anteriores. É de ter em conta igualmente a sobreposição de ocupações que caracterizam esta intervenção, e que devido ao constante renovar do mesmo espaço, poderão ter alterado as leituras das épocas mais recuadas.

No que diz respeito ao Castelo temos isso bem presente para a época romana, tendo-nos deparado desde o início da intervenção com a omnipresença de fragmentos de ânforas romanas em praticamente todos os estratos identificados. Sendo inclusivamente utilizadas como material de construção, fazendo parte integrante das estruturas habitacionais de época islâmica. Devido a esta circunstancia optámos numa primeira fase por remeter a nossa análise a esses materiais que se encontravam fora do seu contexto primário mas que nos poderiam servir de indicador das realidades subjacentes. Incidindo o presente trabalho sobre os materiais exuma-

dos num contexto de cronologia islâmica bastante preciso e bem delimitado estratigraficamente, tendo como objectivos: uma primeira análise dos diversos tipos de ânforas presentes nesta área da cidade, assim como o de problematizar os seus contextos e cronologia(s).



Fig. 1 Planta do Castelo de São Jorge com a localização da Praça Nova.

2. Contexto arqueológico

Iniciamos a nossa análise com o estudo dos materiais provenientes dos níveis de regularização deste espaço para a construção de um conjunto urbano com diversas unidades habitacionais, datado de meados do século XI (Gomes e Gaspar, 2001).

Esses níveis (Fig. 2) caracterizam-se por serem de sedimento argilo-arenoso e foram identificados em todas as sondagens em que se alcançaram níveis sob a ocupação islâmica (Camadas 11, 12, 13 e 14). O estudo da estratigrafia exumada, revela que se trata de uma construção rápida com características sedimentológicas semelhantes, em que é possível identificar a depo-

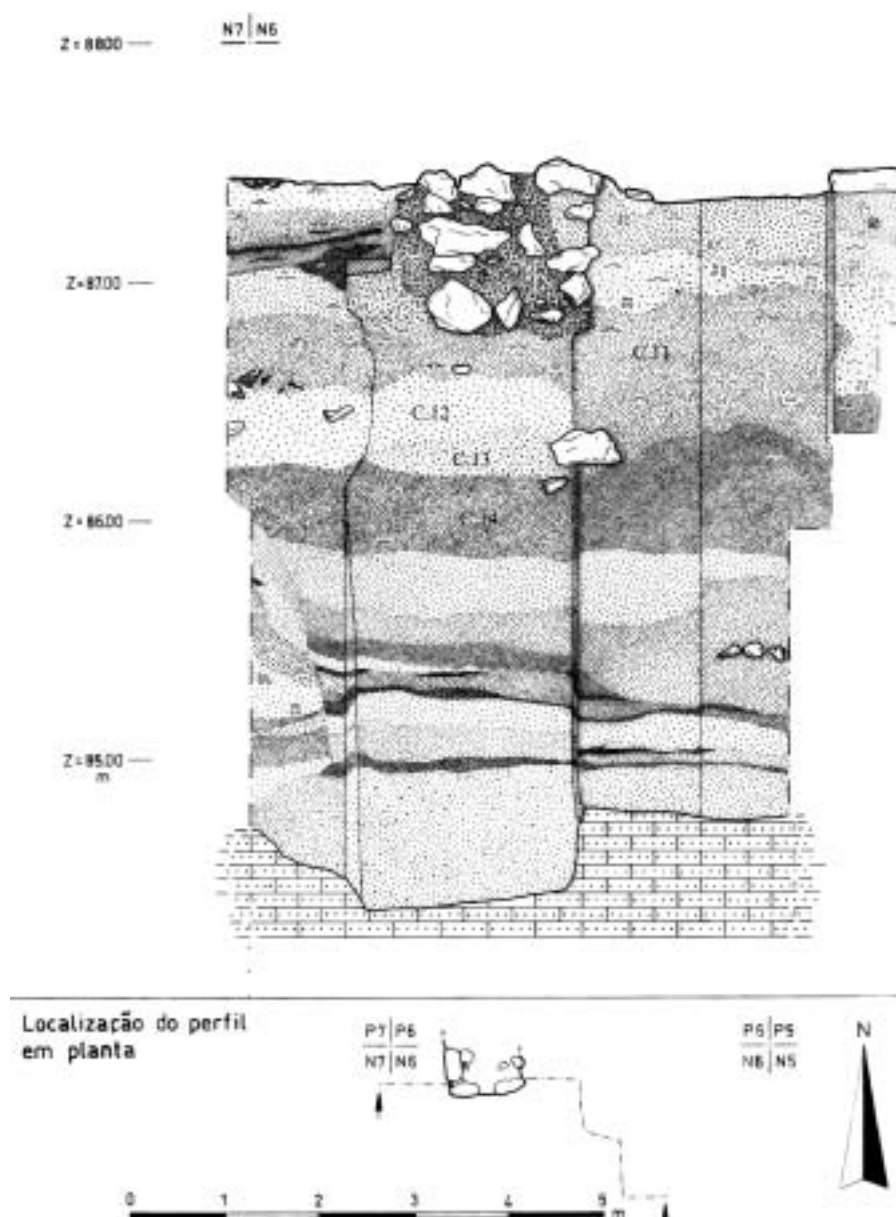


Fig. 2 Perfil norte do quadrado N6.

sição secundária de sedimentos pré-existentes, que se traduz pela coexistência de abundantes materiais de cronologia romana, com materiais de época islâmica.

O estudo do espólio exumado nessas camadas, não se revelou esclarecedor no que diz respeito à cronologia de formação destes depósitos, no entanto a semelhança formal e tecnológica com os materiais exumados na primeira fase de ocupação do bairro islâmico (Gaspar e Gomes, 2001) parecem indicar uma data um pouco anterior a essa fase.

A par com a cerâmica de construção, cerâmica comum e cerâmica pintada de época islâmica, surgiu uma grande quantidade de materiais de época romana, nomeadamente inúmeros fragmentos de ânforas romanas, ânforas de tipologia “punicizante” e alguns bordos e bojos de campanienses, que apresentam, uma clara homogeneidade cronológica, não parecendo aparentemente ultrapassar a primeira metade do século I a.C.

3. Pressupostos metodológicos

Julgo necessário explicitar a metodologia utilizada na análise do presente conjunto, visto a ausência de qualquer contexto primário, levantar limitações ao seu estudo. Optamos conscientemente por apreciar em conjunto materiais que deverão corresponder a diversas realidades, que embora não muito distantes no tempo (meados do século II/I a.C.), poderão corresponder a distintos ritmos de importação.

Ensaçou-se a análise da distribuição das ânforas nas áreas intervencionadas (gráfico 2), com vista a uma tentativa de discernimento dos diversos materiais dentro do aterro, o que revelou uma incidência preferencial de determinados tipos de ânforas em determinadas áreas, nomeadamente dos exemplares da Classe 32 que parecem surgir, à excepção de dois exemplares, num sítio preciso deste aterro no quadrado R4. Qual o seu significado é algo que de momento nos escapa, no entanto podemos pôr a hipótese de se tratar de uma deposição de camadas em que esses contentores eram mais abundantes.

Separou-se todos os fragmentos de ânforas exumados, tendo-se procedido à sua marcação e desenho à escala 1/1. Tendo-se optado por uma classificação tipológica, segundo a tabela proposta por Peacock e Williams (1986), seguida de uma caracterização macroscópica das pastas, com vista a uma melhor definição das produções, assim como, de um melhor conhecimento das proveniências dos diversos tipos representados.

Tendo presente que, “los métodos tradicionales, no cuantitativos, de analizar los conjuntos anfóricos (...) son insuficientes para obtener toda la información que nos pueden proporcionar” (Molina Vidal, 1997, p. 25), apresentamos uma quantificação dos resultados tendo em conta a classificação das ânforas representadas e baseando-se na análise do número mínimo de indivíduos⁴.

4. Ânforas de produção itálica

As importações de contentores vinícolas da península Itálica, destacam-se de forma maioritária no presente conjunto (62%), assumindo especial importância os envases da Classe 3 (47%). A atribuição formal entre os exemplares enquadráveis nesta classe e os da classe 2 apresentou-nos alguns problemas, visto que a transição entre as ânforas Greco-Itálicas e as Dressel 1A não apresentam rupturas claras, sendo complicado distinguir entre os dois tipos unicamente através de fragmentos.

O método proposto por A. Hesnard e C. Lemoine (1981), criticado e desenvolvido por Sanmartí Greco (1985, 1992) e afinado por F. Gateau (1990), tendo em conta a relação altura do lábio, espessura máxima do mesmo, permite a distinção entre as duas classes apoiando-se em atributos métricos. Segundo a proposta de F. Gateau, as ânforas cujo valor da relação, fosse menor do que 1,2 seriam consideradas greco-italicas, as que fossem iguais a 1,3 seriam consideradas formas de transição e as maiores de 1,4 seriam Dressel 1A.

Optamos do ponto de vista da caracterização morfológica por aplicar este cálculo a todos os fragmentos que possibilitassem a reconstituição do bocal, estando os resultados patentes no quadro I.

4.1 *Fabricos de produção itálica*

No que diz respeito aos fabricos, através da análise macroscópica, foi possível caracterizar oito grupos de pastas, para os contentores de proveniência Itálica, que deverão corresponder a diferentes fabricos e possivelmente a diferentes centros produtores e proveniências⁵.

Grupo 1. Caracteriza-se, por uma pasta homogénea muito compacta. A cor varia entre o amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 6/3) e o alaranjado (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, bem distribuídos e constituídos essencialmente por quartzos de pequena dimensão, pequenas partículas negras de origem vulcânica e grãos carbonatados. As paredes apresentam uma aguada de tom amarelo rosado (10 YR 7/4 e 7,5 YR 8/4).

Grupo 2. Caracteriza-se por uma pasta compacta bem depurada. A cor é vermelho claro (Mun. 10 R 6/4). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, grãos calcários. As paredes apresentam uma aguada de tom amarelo rosado (10 YR 8/3) espessa e aderente.

Grupo 3. Caracteriza-se por uma pasta granulosa e compacta. A cor varia entre o castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/4) e o amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 6/3). Os elementos não plásticos são bem distribuídos de pequena dimensão constituídos por quartzos, grãos ferruginosos, nódulos de argila cozida e partículas negras. As paredes apresentam-se alisadas e num caso apresenta vestígios de uma aguada de tom beije.

Grupo 4. Caracteriza-se por uma pasta arenosa e dura. A cor é amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são abundantes, constituídos por quartzos, micas, grãos ferruginosos e nódulos de argila cozida. Apresenta uma aguada de tom amarelo rosado (10 YR 8/4).

Grupo 5. Caracteriza-se por uma pasta granulosa, compacta e sonora. A cor varia entre o castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/4), o amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 8/4) e o amarelo avermelhada (Mun. 2,5 YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões e por inúmeras partículas negras de origem vulcânica. Apresentando as superfícies a tonalidade da pasta ou uma espécie de aguada de tom branco ou beije, que poderá resultar da utilização de água salgada, no fabrico da ânfora.

Grupo 6. Caracteriza-se por uma pasta dura e compacta. A cor é amarelo avermelhado (Mun. 5 YR 7/7). Os elementos não plásticos são abundantes constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, micas douradas e por inúmeras partículas negras de origem vulcânica.

Grupo 7. Caracteriza-se por uma pasta granulosa. A cor é amarelo avermelhada (Mun. 2,5 YR 7/4). Os elementos não plásticos são muito abundantes constituídos por quartzos e quartzitos rolados, nódulos de argila cozida, elementos calcários, vacúlos de pequena dimensão e micas. Apresentando a superfície um tom amarelo (Mun. 2,5 Y 9/4).

Grupo 8. Caracteriza-se por uma pasta compacta e arenosa, apresentando inúmeros elementos não plásticos, constituídos por nódulos de argila cozida, grãos ferruginosos, quartzos e partículas negras de pequena dimensão. A cor é vermelho acastanhado (Mun. 7,5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2793. Fig. 4, n.º 21.

A caracterização dos fabricos com que foram produzidos os contentores aqui representados, permite observar diversas realidades, nomeadamente a coexistência dos mesmos fabricos nos exemplares da classe 2 e 3. De facto o grupo 2, 3, 4 e 5 surge em ambas as produções, sendo apenas característico da classe 2 o grupo 1, tal situação não é de estranhar visto ambas surgirem representadas nos mesmos centros produtores da costa tirrénica (Hesnard et al., 1989).

O grupo 5 é o que se encontra mais bem representado, correspondendo às produções da área da Campânia, sendo observável a olho nu, as características areias vulcânicas. O grupo 6 apenas surge representado por um fundo e alguns bojos, sendo-nos impossível de momento distinguir a qual destas classes corresponde esta produção (Fig. 4, n.º 18).

O grupo 7 e 8 parecem sair fora do âmbito destas produções, visto que o primeiro apenas se identificou num exemplar da classe 5, parecendo corresponder a uma imitação destes contentores fora da península itálica e o segundo corresponder às pastas da costa adriática de Itália com que foram produzidos os contentores da Classe 8, surgindo-nos apenas num fragmento de bordo atribuível a esta classe (Cipriano e Carre, 1989).

Quadro 1

<i>Número de Inventário</i>	<i>Altura do lábio</i>	<i>Espessura máxima do mesmo</i>	<i>Índice A. L. E. M.</i>
N.º 2775 (Fig. 3, n.º 1)	3,3	3,2	1,0
N.º 2776 (Fig. 3, n.º 2)	2,7	2,5	1,08
N.º 2783 (Fig. 3, n.º 3)	3,1	2,5	1,3
N.º 2788 (Fig. 3, n.º 4)	3,2	2,9	1,1
N.º 2805 (Fig. 3, n.º 5)	3,2	2,4	1,3
N.º 2781 (Fig. 3, n.º 6)	2,9	2,6	1,1
N.º 2780 (Fig. 3, n.º 7)	3,2	2,7	1,18
N.º 2778 (Fig. 3, n.º 8)	3,1	2,6	1,2
N.º 2782 (Fig. 3, n.º 9)	4,2	2,9	1,4
N.º 2789 (Fig. 3, n.º 10)	2,9	2,0	1,4
N.º 2787 (Fig. 3, n.º 11)	3,5	2,4	1,5
N.º 2790 (Fig. 3, n.º 12)	3,7	2,0	1,8
N.º 2779 (Fig. 3, n.º 13)	3,7	2,6	1,4
N.º 2785 (Fig. 3, n.º 14)	3,0	2,2	1,4
N.º 2786 (Fig. 3, n.º 15)	3,3	2,4	1,4
N.º 2784 (Fig. 3, n.º 16)	3,5	2,4	1,4

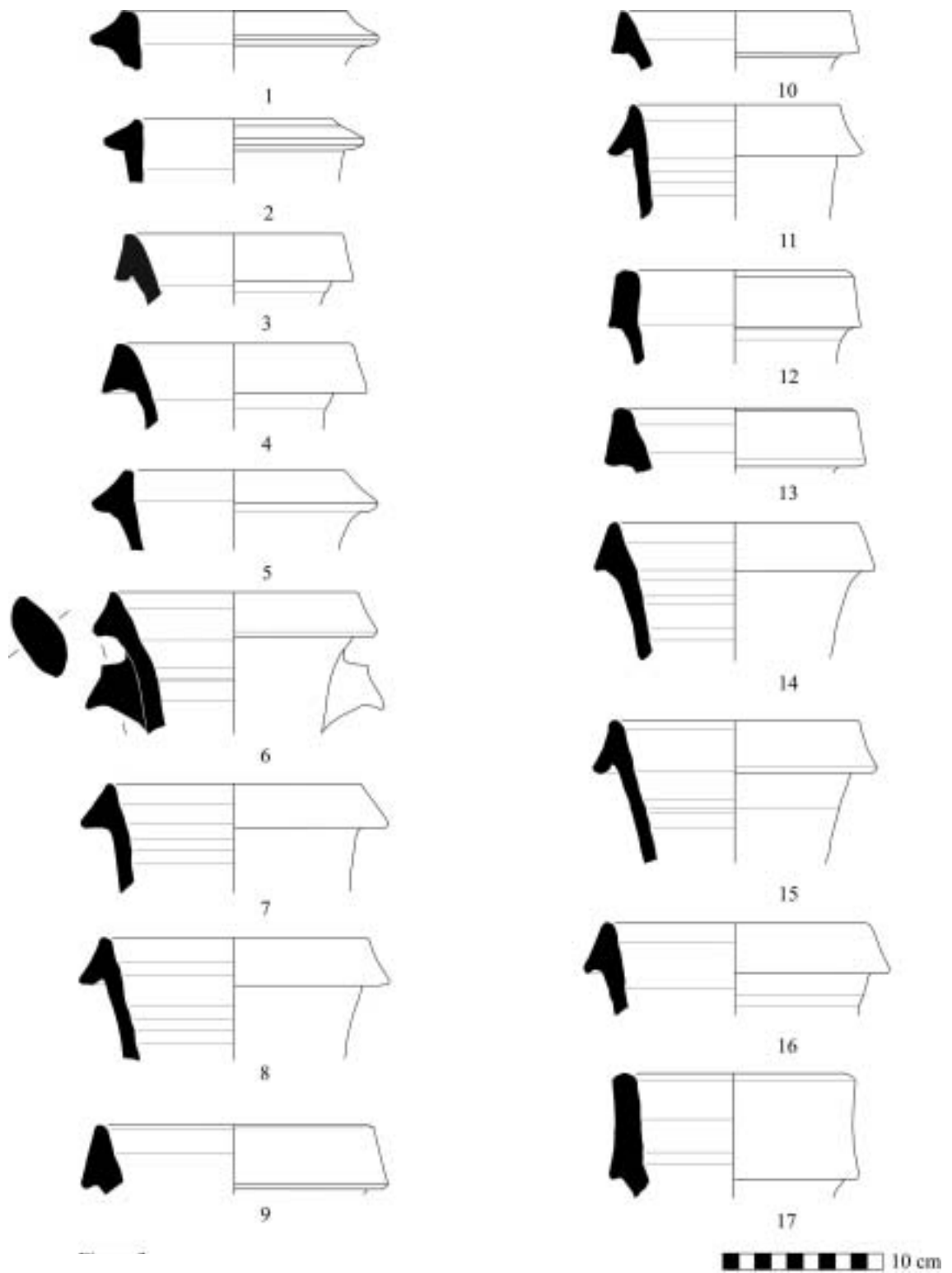


Fig. 3

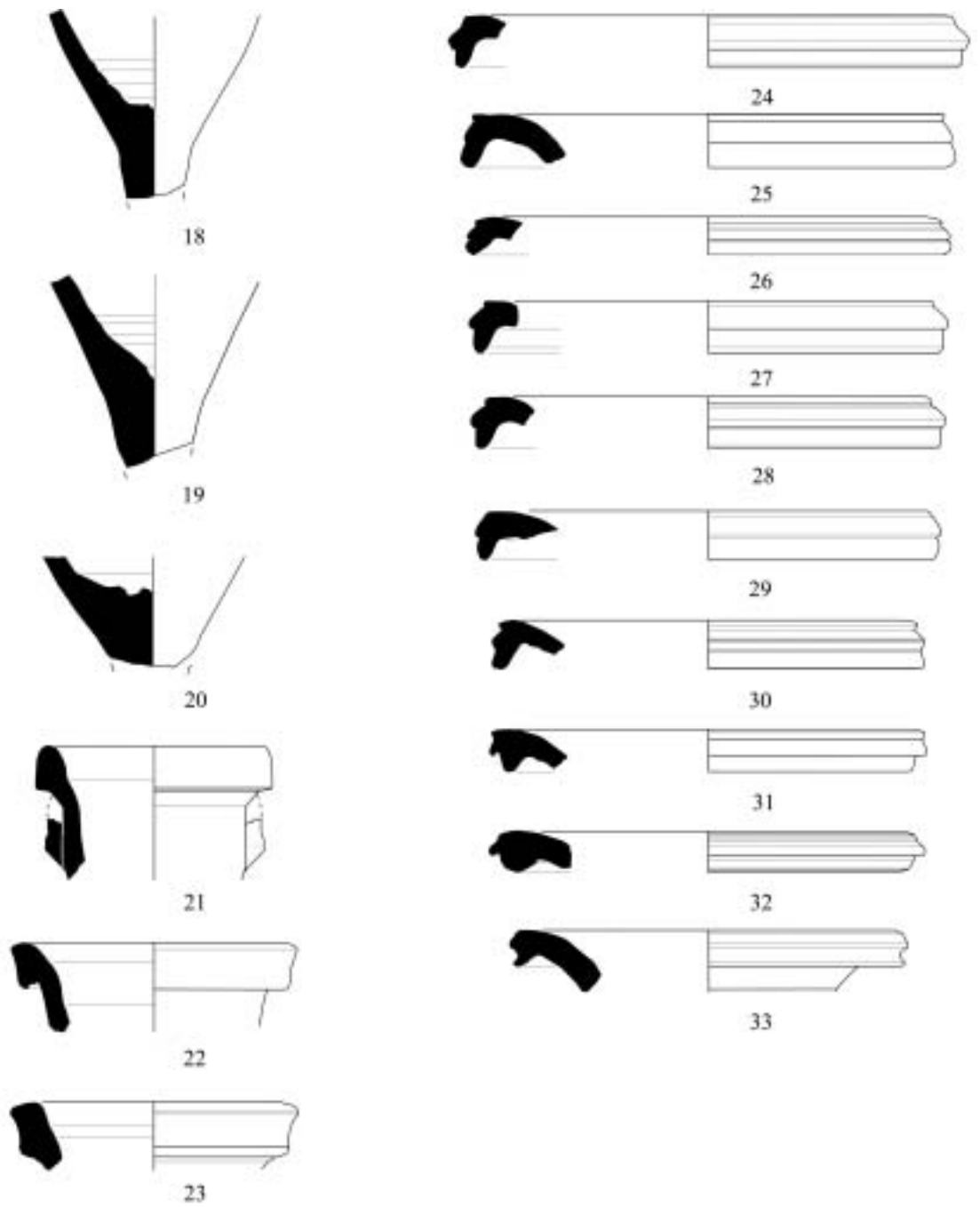


Fig. 4

4.2 Classe 2

Esta classe corresponde ao tipo definido como Greco-Itálico por Fernand Benoit (1957), através da análise do espólio do naufrágio do Grand Congloué em Marselha. Trata-se de um contentor vinícola de cronologia romano republicano (século IV a.C. a II a.C.), que herda claras influências gregas e que se assume como o protótipo de que derivam as formas das ânforas itálicas durante a república (Molina Vidal, 1997).

Identificamos 6 bordos, que, devido à inclinação do lábio e à relação entre a altura do bordo e a sua espessura máxima, se enquadram nas produções desta classe. A produção das ânforas desta classe encontra-se bem documentada para diversas áreas da Península Itálica através de recentes programas de prospecções sistemáticas (Hesnard et al., 1989), parecendo concentrar-se na costa tirrénica. Na Península Ibérica conhecem-se algumas áreas onde parece que se produziram imitações destas formas, em contextos nem sempre esclarecedores (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Ramón Torres, 1991; García Vargas, 1998). No entanto as características mineralógicas dos grupos de pastas com que estes contentores foram produzidos, apontam para uma proveniência itálica.

Embora não caiba no âmbito do presente trabalho, a análise da distribuição destes contentores em Portugal, não posso deixar de salientar a concentração dos únicos dois exemplares conhecidos, no vale do Tejo, nomeadamente na alcáçova de Santarém e nos Chões de Alpompe (Fabião, 1998a; Arruda e Almeida, 1999).

4.2.1 Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo. Lábio triangular, com uma inclinação de cerca de 21°. O lábio mede 3 cm de altura. Diâmetro externo de 14 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,0. Pasta grupo 1. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 6/3). Apresenta uma aguada de tom bege (10 YR 7/4). C.S.J. P.N. 2775. Fig. 3, n.º 1.
2. Fragmento de bordo, com início do colo. Lábio triangular, com uma inclinação de cerca de 11°. O lábio mede 2,5 cm de altura. Diâmetro externo de 12,5 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,08. Pasta grupo 1. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). Apresenta uma aguada de tom bege (7,5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2776. Fig. 3, n.º 2.
3. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,2 cm de altura. Diâmetro externo de 14,7 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,1. Pasta grupo 5. Amarelo avermelhada (Mun. 2,5 YR 6/4) apresentando um cerne acinzentado (Mun. 2,5 Y 6/0). C.S.J. P.N. 2788. Fig. 3, n.º 4.
4. Fragmento de bordo, com início do colo e arranque de asa. O lábio é oblíquo, com 2,9 cm de altura, circunscrevendo um diâmetro externo de 15,3 cm. A asa apresenta secção ovóide. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,1. Pasta grupo 3. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 6/3). C.S.J. P.N. 2781. Fig. 3, n.º 6.
5. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,6 cm de altura. Diâmetro externo de 15,7 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,1. Pasta grupo 3. Castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/4). C.S.J. P.N. 2780. Fig. 3, n.º 7.

6. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,1 cm de altura. Diâmetro externo de 16,4 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,2. Pasta grupo 2. Vermelho claro (Mun. 10 R 6/4). Apresenta uma aguada de tom bege (10 YR 8/3). C.S.J. P.N. 2778. Fig. 3, n.º 8.

4.3 Classe 3

Individualizado pela primeira vez na tabela de Henrich Dressel (1899) sob o número 1, foi posteriormente subdividido por Nino Lamboglia (1955) e Fernand Benoit (1957) em três tipos distintos a que Peacock e Williams (1986) atribuem as suas classes 3, 4 e 5. Esta divisão tripartida, embora tenha vindo a ser consensualmente aceite está longe de comprovada nas suas diversas aceções, como as recentes escavações em Lyon têm vindo a comprovar (Mandy et al., 1987-1988) levando mesmo a que se tenha posto em causa a operacionalidade desta distinção (Fabião, 1998b). No entanto no actual estado dos nossos conhecimentos e para este conjunto, parece-me legítima essa distinção.

Identificámos 25 bordos, inseríveis na variante A de Lamboglia, Classe 3, assim como 7 fundos que atribuímos com cautelas a esta classe embora se apresente difícil a sua distinção, destacando-se exemplares cujo valor da relação entre a altura do lábio, espessura máxima do mesmo aponta para valores que segundo a proposta de F. Gateau (1990), seriam considerados de transição entre os exemplares da Classe 2 e 3 (Fig. 3 n.ºs 3 e 5).

Trata-se de produções bem conhecidas e bem estudadas, normalmente conotadas com os primeiros momentos de contactos com o mundo romano. A sua produção está atestada para diferentes áreas da Península Itálica, sendo conhecidos inúmeros centros produtores, infelizmente nunca intervencionados. A sua produção parece ter-se iniciado em inícios da segunda metade do século II a.C., prolongando-se até à primeira metade do século primeiro a. C. No que diz respeito ao seu conteúdo encontra-se atestado um conteúdo vinícola, correspondendo estas produções ao contentor por excelência da exportação do vinho produzido nas grandes *Villae* republicanas da zona da Etrúria, Campânia e Lácio (Tchernia, 1986).

4.3.1 Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3 cm de altura. Diâmetro externo de 13,5 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,3. Pasta grupo 5. Castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/4). C.S.J. P.N. 2783. Fig. 3, n.º 3.

2. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3 cm de altura. Diâmetro externo de 13,5 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,3. Pasta grupo 3. Tonalidade semelhante à anterior. Apresenta uma aguada de tom bege (10 YR 8/3). C.S.J. P.N. 2805. Fig. 3, n.º 5.

3. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 4 cm de altura. Diâmetro externo de 17,2 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 4. A cor é amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). Apresenta uma aguada de tom bege (10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2782. Fig. 3, n.º 9.

4. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 2,7 cm de altura. Diâmetro externo de 14,3 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 5. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2789. Fig. 3, n.º 10.
5. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,5 cm de altura. Diâmetro externo de 12,8 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,5. Pasta grupo 5. Tonalidade semelhante à anterior. C.S.J. P.N. 2787. Fig. 3, n.º 11.
6. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é vertical, com 3,7 cm de altura. Diâmetro externo de 14,7 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,8. Pasta grupo 5. Castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 4/6). C.S.J. P.N. 2790. Fig. 3, n.º 12.
7. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,5 cm de altura. Diâmetro externo de 15 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 2. Tonalidade semelhante à anterior. C.S.J. P.N. 2779. Fig. 3, n.º 13.
8. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,2 cm de altura. Diâmetro externo de 15,4 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 5. Tonalidade semelhante à anterior. C.S.J. P.N. 2785. Fig. 3, n.º 14.
9. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,5 cm de altura. Diâmetro externo de 15,2 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 5. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2786. Fig. 3, n.º 15.
10. Fragmento de bordo, com início do colo. O lábio é oblíquo, com 3,4 cm de altura. Diâmetro externo de 16,3 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,4. Pasta grupo 5. Tonalidade semelhante à anterior. C.S.J. P.N. 2784. Fig. 3, n.º 16.
11. Fragmento de bojo e bico fundeiro. Fundo maciço de tendência cónica. Pasta grupo 6. Amarelo avermelhado (Mun. 5 YR 7/7). Apresentando a superfície uma coloração bege (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2791. Fig. 4, n.º 18.
12. Fragmento de bojo e bico fundeiro. Fundo maciço de tendência cónica. Pasta grupo 2. Vermelho claro (Mun. 10 R 6/4). Apresenta uma aguada de tom bege (10 YR 8/3). C.S.J. P.N. 2807. Figura 4, n.º 19.
13. Fragmento de bico fundeiro. Fundo maciço de tendência cónica. Pasta grupo 5. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2792. Fig. 4, n.º 20.

4.4 Classe 5

Esta classe enquadra a variante C da forma 1, definida por Dressel (Lamboglia, 1955), trata-se de uma ânfora de cronologia republicana, que foi produzida em larga escala na costa ocidental da península Itálica, e cuja forma foi largamente imitada em outras áreas do mediterrâneo.

Embora tida como um contentor destinado ao transporte de vinhos itálicos, a arqueologia subaquática tem atestado a existência de diversos conteúdos (Fabião, 1987), essa constatação e

a sua associação estratigráfica, em *Baelo Claudia*, a fábricas de preparados de peixe, tem vindo a pôr em causa a existência de um único conteúdo (Étienne e Mayet, 1994, 2000).

A existência de diversos centros produtores destas ânforas, impede-nos de precisar a proveniência do exemplar identificado neste contexto, é de salientar que o fabrico que definimos, através de análise macroscópica da pasta (grupo 7), apenas surge representado por um bordo e alguns bojos desta classe.

4.4.1 Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo. Lábio vertical com cerca de 6,7 cm de altura. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta grupo 7. Amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 7/4). C.S.J. P.N. 2777. Fig. 3, n.º 17.

4.5 Classe 8

Identificamos um único fragmento de bordo que podemos atribuir a esta classe, trata-se das típicas formas de época republicana produzidos na costa adriática de Itália e amplamente difundidas por todo o mediterrâneo. Embora tidas como contentores do azeite produzido na área da Apúlia, a arqueologia subaquática e a epigrafia têm vindo a pôr em causa tal conteúdo (Formenti et al., 1978; Fabião, 1987), sendo hoje consensual o seu conteúdo vinícola. A sua produção parece ter se limitado à costa adriática, não se conhecendo imitações destes contentores (Cipriano e Carre, 1989; Bruno, 1995).

A difusão em Portugal destes contentores embora minoritária em relação às importações da costa tirrénica, encontra-se bem atestada para diversas áreas, com particular incidência a sul do Tejo, (Fabião, 1998; Arruda e Almeida, 1999).

4.5.1 Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo e arranque de asa de ânfora. O lábio é em forma de amêndoa com 2,5 cm de altura, bem delimitado do colo por um ressalto. Apresenta um diâmetro externo de 12,2 cm. A asa encontra-se muito fragmentada, apresentando secção oval. Pasta grupo 8. Vermelho acastanhado (Mun. 7,5 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2793. Fig. 4, n.º 21.

5. Classe 32

Nesta classe Peacock e Williams (1986), incluíram a forma C definida por Mañá (1951), tendo em conta as subdivisões efectuadas por Van der Werff (1978). Ramón Torres (1981), tendo em conta critérios de ordem morfológico e particularidades de fabrico, subdividiu a forma C-2 em dois sub-tipos: O C-2a, que corresponderia às produções centro mediterrâneas, da área de Cartago e o C-2b às produções ocidentais, definidas como produções da área do estreito de Gibraltar. Posteriormente Guerrero Ayuso (1986), na continuação da proposta de Ramón Torres, subdivide a forma C-1 em dois sub-tipos e acrescenta a subdivisão C à forma C-2.

Ramón Torres (1995) apresentou recentemente, a mais recente revisão do actual estado da questão acerca da problemática destes contentores, no âmbito da revisão do estudo das ânforas fenício-púnicas do Mediterrâneo central e ocidental. Tendo em conta critérios morfológicos e cronológicos apresenta sob o seu Grupo 7, subtipos 7.2.1.1. a 7.7.1.1. uma evolução morfológica e cronológica para estas ânforas.

Trata-se da segunda forma mais representado (34%), no presente conjunto, identificámos 18 bordos, dois fundos e um fragmento de asa desta classe, sendo difícil devido ao estado fragmentado dos exemplares exumados, a definição a que sub-tipos pertencem.

A análise macroscópica das pastas permite distinguir três grupos distintos:

O grupo 1 caracteriza-se, por uma pasta compacta e arenosa. A cor é amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, bem distribuídos e constituídos por quartzos quartzitos rolados, pontos brancos e partículas negras de pequena dimensão. As paredes foram apenas alisadas e apresentam uma tonalidade que varia entre o amarelado avermelhado (Mun. 10 YR 8/3) e o amarelo claro (Mun. 10 YR 8/4).

O grupo 2 caracteriza-se, por uma pasta arenosa e homogénea. A cor é amarela esverdeada (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são raros, e constituídos por quartzos pequena dimensão e alguns grãos de argila cozida. As paredes apresentam a tonalidade da pasta e foram apenas alisadas.

O grupo 3 caracteriza-se, por uma pasta compacta, dura e homogénea. A cor é amarelo avermelhado (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são raros, e constituídos por quartzos e elementos calcários. As paredes apresentam a tonalidade da pasta e foram apenas alisadas.

O grupo 1 é o mais numeroso: As suas características parecem fazer coincidir este grupo com o Grupo 3 definido para os exemplares de Santarém (Arruda e Almeida, 1998), com origem possível nos centros produtores norte-africanos ocidentais.

O grupo 2 poderá corresponder ao grupo 2 de Santarém. A semelhança da pasta com os exemplares de contentores CCNN, tipo 9.1.1.1 (Ramón Torres, 1995), exumados em contextos republicanos nas escavações do Castelo de São Jorge, faz supor uma origem para este fabrico da área de Cádiz onde a produção contemporânea dos dois tipos está documentada arqueologicamente para Torre Alta, San Fernando (Frutos e Munoz Vicente, 1994).

O grupo 3 encontra-se apenas documentado por um fragmento, as suas características fazem-nos supor, embora com cautelas, uma proveniência da área de Cádiz.

A análise dos fabricos assim como das variantes dos lábios aponta para uma produção ocidental dos contentores identificados. A cronologia destes apresenta-se bastante lata, estando o início da sua produção no ocidente mal definido, em meados da segunda metade do século II a.C., perdurando até ao último quartel do século I a.C. A ausência de um contexto primário para os exemplares do castelo de São Jorge impede-nos de precisar a sua datação.

Em relação aos seus conteúdos os dados existentes parecem consolidar a proposta de um conteúdo relacionado com o transporte de preparados de peixe, para as produções da área do estreito de Gibraltar (Guerrero Ayuso e Roldán Bernal, 1992; Arruda e Almeida, 1998).

5.1. Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade trilobada. Os lóbulos encontram-se bem definidos. Define um diâmetro externo de 27 cm. Pasta grupo 1. Amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). A superfície apresenta uma tonalidade amarela clara (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2800. Fig. 4, n.º 24.

2. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade bilobada e com um pequeno ressalto junto ao bordo, circunscrevendo um diâmetro externo de 26,5 cm. Pasta grupo 1. A cor é amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). A superfície apresenta uma tonalidade amarelada (Mun. 10 YR 8/3). C.S.J. P.N. 2797. Fig. 4, n.º 25.

3. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade bilobada e com um pequeno ressalto junto ao bordo, circunscrevendo um diâmetro externo de 24,5 cm. Pasta grupo 2. Amarelo esverdeado (Mun. 5 YR 7/6). C.S.J. P.N. 2801. Fig. 4, n.º 26.

4. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade bilobada e com um pequeno ressalto junto ao bordo, circunscrevendo um diâmetro externo de 23 cm. Pasta grupo 2. Amarelo esverdeado (Mun. 5 YR 7/6). C.S.J. P.N. 2802. Fig. 4, n.º 27.

5. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade bilobada e com um pequeno ressalto junto ao bordo, circunscrevendo um diâmetro externo de 24,7 cm. Pasta grupo 1. Amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). A superfície apresenta uma tonalidade amarela clara (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2798. Fig. 4, n.º 28.

6. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade bilobada, com uma pequena reentrância definindo os dois lóbulos. Define um diâmetro externo de 25 cm. Pasta grupo 1. Amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). A superfície apresenta uma tonalidade amarela clara (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2799. Fig. 4, n.º 29.

7. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido pendente com a extremidade trilobada, os lóbulos encontram-se diferenciados por reentrâncias e são realçados por finas linhas. Define um diâmetro externo de 24,7 cm. Pasta grupo 1. Amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). A superfície apresenta uma tonalidade amarela clara (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2801. Fig. 4, n.º 30.

8. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido com a extremidade trilobada, sendo os lóbulos diferenciados por ressaltos bem marcados. Circunscrive um diâmetro externo de 24 cm. Pasta grupo 2. Amarelo esverdeado (Mun. 5 YR 7/6). C.S.J. P.N. 2804. Fig. 4, n.º 31.

9. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido com a extremidade trilobada, sendo o lóbulo central saliente. Circunscrive um diâmetro externo de 23 cm. A cor é amarelo avermelhado (Mun. 5 YR 7/6). C.S.J. P.N. 2796. Fig. 4, n.º 32.

10. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é exvertido com a extremidade bilobada, sendo os lóbulos individualizados por uma depressão. Circunscreve um diâmetro externo de 21 cm. Pasta grupo 2. Amarelo esverdeado (Mun. 5 YR 7/6). C.S.J. P.N. 2803. Fig. 4, n.º 33.

6. Produções tripolitanas

Trata-se de produções mal conhecidas da área da tripolitana, que antecedem as típicas formas de exportação do azeite desta área durante a época imperial (Panella, 1983). Na ausência de melhor classificação têm se denominado como Tripolitanas antigas, um conjunto de ânforas de época republicana de forma ovóide, que parecem inspirar-se em modelos produzidos na costa adriática de Itália.

A sua cronologia encontra-se mal definida, parecendo ter começado a ser produzidas em inícios do século II a.C. e circulando até um momento indeterminado do século I a.C. (Asencio et al., 1998).

A similitude morfológica entre os bordos e os fabricos destas produções e os da Classe 32 (Maña C1) dificulta a classificação e tem impedido uma correcta distinção entre as duas formas. Identificamos dois bordos que pelas características da sua pasta e pelo seu diâmetro poderiam corresponder a uma ou outra produção, apenas o facto do exemplar n.º 22 apresentar vestígios do arranque de asa, no colo permitiu identificar este exemplar como uma tripolitana antiga, no entanto a interrogação permanece em relação ao outro exemplar.

Embora até ao momento não se tenha identificado nenhum contentor desta natureza em Portugal, a semelhança da descrição da pasta de um exemplar de Chões de Alpompe, (Fabião, 1989) enquadrado na Classe 32 (Maña C1) e os fragmentos do Castelo de São Jorge, faz supor que alguns dos envases classificados como Maña C1 deste estação (Diogo e Trindade, 1993-94; Fabião, 1986), possam ser produções tripolitanas antigas.

6.1 Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início do colo e arranque de asa de ânfora. O lábio é vertical e ligeiramente oblíquo com 2,5 cm de altura, circunscrevendo um diâmetro externo de 15 cm. A asa encontra-se muito fragmentada sendo apenas perceptível o seu arranque. Pasta é compacta, homogénea com poucos elementos não plásticos, constituídos por quartzos, grãos ferruginosos e elementos calcários. A cor é vermelho clara (Mun. 2,5 R 6/8). Apresenta um engobe amarelo claro (Mun. 10 YR 8/3), espesso e muito aderente em ambas as faces. C.S.J. P.N. 2794. Fig. 4, n.º 22.

2. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora. O lábio é vertical, com 2,7 cm de altura, ligeiramente oblíquo e moldurado, circunscrevendo um diâmetro externo de 15 cm. Evidencia pasta de características e tonalidade semelhante à anterior. O engobe apresenta uma tonalidade um pouco mais escura (Mun. 10 YR 8/4). C.S.J. P.N. 2795. Fig. 4, n.º 23.

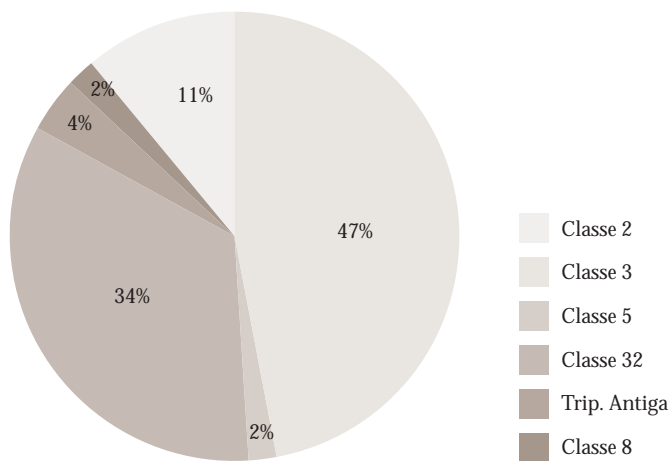


Gráfico 1 Análise quantitativa das ânforas, presentes nos níveis do aterro segundo a tipologia.

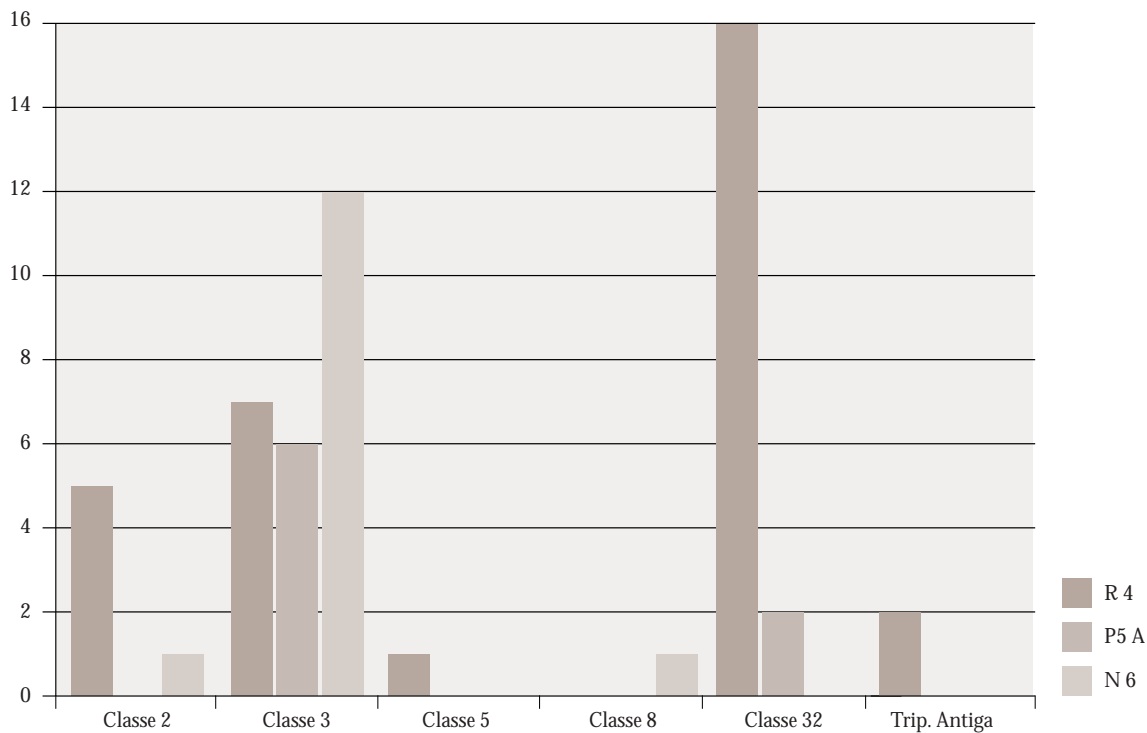


Gráfico 2 Análise da distribuição das ânforas segundo a tipologia, nos quadrados em que foi identificado o aterro.

7. Considerações finais

A conclusão não pode deixar de ser preliminar, visto as particularidades do contexto limitarem-nos à partida. No entanto a análise das ânforas exumadas afigura-se bastante coerente do ponto de vista cronológico (segunda metade do século II a. C. a meados do século I a.C.), sendo bastante representativas da dinâmica comercial de época romana republicana.

Destaca-se neste conjunto as importações provenientes da península itálica (62%), assumindo especial importância, a presença de contentores da Classe 2 que parecem atestar uma importação precoce de vinho itálico, sendo no entanto produções tardias dentro desta forma.

Os contentores da classe 3 são a forma mais representada (47%), individualizando-se diversos fabricos que deverão corresponder a proveniências distintas, e possivelmente a diferentes conteúdos vinícolas. As produções da costa adriática e os contentores da classe 5 encontram-se atestadas apenas por um exemplar cada, assumindo um papel secundário no quadro das importações vinárias.

Os preparados piscícolas, encontram-se bem representados pelos contentores da classe 32, (34%), sendo as produções ocidentais as mais representadas, com proveniência da área do estreito de Gibraltar e norte de África.

No que diz respeito ao azeite, a sua importação encontra-se atestada, apenas pelos dois exemplares que identificamos como produções tripolitanas, não havendo aparentemente uma explicação linear para a sua raridade neste contexto.

Embora este trabalho seja apenas uma primeira abordagem ao estudo das ânforas romanas exumadas nas escavações do actual Castelo de São Jorge em Lisboa e às suas problemáticas, penso que será pertinente colocar algumas hipóteses de trabalho:

A questão mais pertinente coloca-se na interpretação de com que tipo de comércio é que estamos a lidar: Estaremos perante uma continuidade de relações comerciais herdadas, da *Oli-sipo* pré-romana, que apenas se adaptou a aos novos mercados que surgiram com a presença militar no vale do Tejo e às suas vantagens económicas? Ou perante os primeiros indícios de um circuito de distribuição de bens alimentares de “cariz institucional” plenamente romano e relacionado com o abastecimento dos contingentes militares? Recorde-se que já foi sugerido que “o vinho itálico dos finais do século II a.C. identificado no vale do Tejo, independentemente da possibilidade de poder ter sido pontualmente consumido por indígenas, teria chegado a esta região no âmbito de um processo de difusão que nada tem a ver com o tradicional sentido atribuído ao termo “comércio” (Fabião, no prelo, p. 18). Ambas as hipóteses não se excluem podendo interagir no mesmo modelo.

O desconhecimento que, ainda dispomos, acerca dos ritmos de importação de determinados bens alimentares durante a época pré-romana, impede-nos de estabelecer comparações na óptica das continuidades/rupturas. De facto os dados que dispomos acerca da ocupação pré-romana de Lisboa, embora façam antever a existência de um grande povoado pré-romano com influências orientalizantes, ocupando o morro do castelo e a colina até ao esteiro da Baixa⁶, (Amaro, 1993; Arruda, 2000), são bastante parcos de informações acerca do final da ocupação da Idade do Ferro e dos primeiros contactos com o mundo romano. Os nossos conhecimentos resumem-se a artefactos isolados e às recentes publicações de fragmentos de ânforas de cronologia republicana que têm vindo a surgir um pouco por toda a colina do Castelo e vale da baixa⁷.

Perante o actual estado das investigações acerca deste período de transição, o papel de Lisboa e do seu porto ao longo da época romana republicana, terá de ser enquadrado à luz das fontes literárias, sendo incontornável a referência á passagem de Estrabão acerca da presença do

novo governador da Ulterior, Décimo Júnio Bruto, no vale do Tejo em 138 a.C., onde teria fortificado *Olisipo* e estabelecido o seu quartel-general junto à cidade de *Moron* (Fabião, 1992).

Qual, o significado dessa “fortificação”, é uma problemática que está a margem da presente investigação, no entanto, a sua menção, faz supor a importância da localização estratégica de Lisboa, no estuário de um rio com boas condições de navegação, que terá sido aproveitada como base de apoio para o abastecimento dos exércitos durante as campanhas para o interior, tal papel já salientado por Carlos Fabião (1989, 1992), parece materializar-se nas importações de ânforas vinárias e de preparados piscícolas do presente contexto, sendo de salientar as similitudes com os dados disponíveis de Chões de Alpompé, onde presumivelmente estaria situado o acampamento da campanha de Décimo Júnio Bruto.

Não queremos com isto correlacionar estes contentores, com essa campanha, mas sim salientar a importância que o porto de Lisboa terá assumido desde as primeiras campanhas militares, assumindo um papel preponderante como um dos principais portos da fachada atlântica. Só o estudo sistemático dos contextos de época republicana, identificados nas escavações do Castelo de São Jorge, e a análise das quantidades impressionantes de materiais republicanos que as escavações de emergência um pouco por toda a cidade tem vindo a revelar, permitiram uma melhor compreensão dos ritmos de importação ao longo deste período e do verdadeiro papel que eles assumiram na dinâmica do núcleo urbano.

NOTAS

- ¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada ao Seminário de Conquista e Romanização da Península Ibérica no âmbito do Curso de Mestrado em Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, coordenado pelo Professor Doutor Carlos Fabião, a quem agradeço todo o apoio prestado.
- ² Integrando-se num projecto de estudo que visa a análise da transição entre o povoado pré-romano de *Olisipo* e a Civitas de época Imperial, tendo em conta os ritmos de importação de determinados bens alimentares, que esperamos desenvolver como dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia
- ³ Não posso deixar de agradecer, o apoio e incentivo incondicional, da Dr. Alexandra Gaspar e da Dr. Ana Gomes, que dirigem as intervenções na alcáçova de Lisboa, assim como do Dr. Rodrigo Banha da Silva e de toda a equipa do Castelo de São Jorge.
- ⁴ Essa análise baseia-se na contagem dos fragmentos de bocal após colagem.
- ⁵ Não posso deixar de salientar o carácter provisório destas distinções, que mais não são do que meras propostas de trabalho, baseadas numa análise a lupa manual 1/10, que carecem da devida comprovação química e mineralógica.
- ⁶ Os contextos, estruturas e materiais da Idade do Ferro, exumados nas escavações do Castelo de São Jorge, encontram-se actualmente em estudo pela Dr. Maria José Sequeira.
- ⁷ Teatro Romano; Casa dos Bicos; Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros. Ver Diogo, 2000; Diogo e Trindade, 1999; Amaro, 1982; Amaro, 2002 e Bugalhão e Sabrosa, 1995.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa. Fundação Banco Comercial Português.
- ALARCÃO, J. (1976) - *Les amphores*. In *Fouilles de Conimbriga VI*, Paris: De Boccard, p. 79-91.
- ALVES, F.; DIOGO, A. M. D.; CARDOSO, J. P. (2001) - Considerações sobre os dois grandes cepos de âncora em chumbo com alma de madeira, do séc. V-IV a. C., provenientes do ancoradouro natural da Ilha Berlenga (Peniche). E sobre os achados de ânforas de “tipo púnico” em águas portuguesas. In *Actas do Colóquio internacional Os Púnicos no extremo ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 239-260.
- AMARO, C. (1982) - Casa dos Bicos - Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 96-110.
- AMARO, C. (1993) - Vestígios Materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 183-192.
- AMARO, C. (2002) - Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A casa dos Bicos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 11-27.

- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da Expansão Fenícia para a fachada atlântica Peninsular. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1994) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, p. 52-57.
- ARRUDA, A. M. (2000a) - Fenícios e mundo indígena no centro e sul de Portugal (Séculos VIII e VI a.C.). Em torno das histórias possíveis. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2 vol. Policopiado.
- ARRUDA, A. M. (2000b) - As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim: no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a. C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, p. 727-735.
- ARRUDA, A. M. (2001) - Importações "púnicas" no Algarve: cronologia e significado. In *Actas do Colóquio internacional Os Púnicos no extremo Occidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas de 1983-1991). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid. Collection de la casa de Velásquez (65), p. 307-337.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J.I. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, L. J. (1993) - Sobre a romanização do Algarve. In *Actas do 2.º Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1991)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 455-465.
- ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V. S. (1995) - Produção e consumo de vinho no território actualmente português durante a Idade do Ferro. In *Amar Sentir e Viver a História. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa. Edições Colibri, p. 21-27.
- ARTEAGA, O. (1985) - Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Mar. Una aportación preliminar al estudio estratigráfico de las ánforas púnicas y romanas del yacimiento. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 23, p. 197-233.
- ASENCIO, D.; DEVENAT, L.; SANMARTÍ, J. (1998) - Les importacions amforals d'origen púnic a la costa de Catalunya en època tardorepublicana. In *Actas do 2 Colloqui internacional d' arqueologia Romana. El vi a l' antiguitat - Economia, Producció i Comerç al Mediterrani Occidental*. Badalona: Museu, p. 66-73.
- BARROS, L.; AMARO, C. (1984/85) - Fábrica de Salga de peixe em Cacilhas: Achegas para o seu conhecimento. *Al-madan*. Almada. 4-5, p. 33-34.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na Margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 143-182.
- BENOIT, F. (1957) - Typologie et épigraphie amphoriques: les marques de SESTIUS. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 23, p. 247-285.
- BRUNO, B. (1995) - *Aspetti di Storia Economica della Cisalpina Romana. Le anfore di tipo Lamboglia 2 rinvenute in Lombardia*. Roma: Edizioni Quasar.
- BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva da peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 15).
- BUGALHÃO, J. ; SABROSA, A. (1995) - BCP - Uma unidade de salga de peixe na Rua Augusta, Lisboa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 379-406.
- CARDOSO, G. (1978) - Ânforas romanas do Museu do Mar (Cascais). *Conimbriga*. Coimbra. 17, p. 63-78.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. In *Estudos Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: Um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1997) - O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 361-366.
- CARDOSO, J. L., CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la Région riveraine du Tage. *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, p. 193-206.
- CARVALHO, P. C. (1998) - *O Forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CERDÁ JUAN, D. (1980) - *La nave romano-republicana de la Colonia de Sant Jordi*. Ses Salines - Mallorca. Palma de Mallorca.
- CIPRIANO, M. T.; CARRE, M. B. (1989) - Production et typologie des amphores sur la côte adriatique de l'Italie. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Roma: École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome; 114), p. 67-104.
- COSTA, A. I. M. (1910) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Appendice- Homem Protohistórico, Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 15, p. 55-83.
- DELGADO, M. (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. In *II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, p. 403-421.
- DIOGO, A. M. D. (1982) - A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alampompé (Santarém). *Clio*. Lisboa. 4, p.147-154.

- DIOGO, A. M. D. (1984) - O material Romano da 1.^a campanha de escavações na Alcáçova de Santarém (1979). *Conimbriga*. Coimbra. 23, p. 111-142.
- DIOGO, A. M. D. (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 215-227.
- DIOGO, A. M. D. (1999) - Ânforas provenientes de achados marítimos na costa Portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 235-248.
- DIOGO, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 163-179.
- DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. J. S. (1988/89) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 6/7, p. 227-240.
- DIOGO, A. M. D.; CARDOSO, J. P.; REINER, F. (2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nas dragagens da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 81-118.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1992) - Ânforas de Tróia na Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos, Lisboa. *Artefactos*. Lisboa. 1, p. 5-8.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1993-94) - Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 263-281.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, foiceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 83-95.
- DRESSSEL, H. (1899) - CIL XV: *Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum*. Berlin.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1994) - À propos de l'amphore Dressel 1C de Belo (Cadix). *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 30:1, p. 131-138.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (2000) - *Le vin hispanique*. Paris: De Boccard.
- FABIÃO, C. (1987) - Ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 125-148.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ/INIC.
- FABIÃO, C. (1992) - A romanização do actual território português. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa. Circulo de Leitores. I, p. 202-299.
- FABIÃO, C. (1998a) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 169-198.
- FABIÃO, C. (1998b) - O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. policopiado.
- FABIÃO, C. (no prelo) - O estudo das ânforas. In *A Arqueologia em Portugal anos 90*.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1994) - As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 275-290.
- FORMENTI, F.; HESNARD, A.; TCHERNIA, A. (1978) - Une amphore «Lamboglia 2» contenant du vin dans l'épave de la Madrague de Giens. *Archaeonautica*. Paris. 2., p. 95-100.
- FRUTOS REYES, G.; MUÑOZ VICENTE, A. (1994) - Hornos púnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). In *Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Suroeste. Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 393-414.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C. - IV d.C.)*. Écija. Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2000) - La producción de ánforas "romanas" en el sur de Hispania. República y Alto Imperio. In *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 57-174.
- GATEAU, F. (1990) - Amphores importées durant le I^{er} II^e s. av. J.C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 13, p. 163-183.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2001) - Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de São Jorge. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 95-102.
- GOMES, A.; GASPAR, A. (2001) - O Castelo de São Jorge - da fortaleza islâmica à alcáçova cristã. Contribuição para o seu estudo. In *Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa. Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, p. 397-404.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 73-107.
- GONZÁLEZ TORAYA, B.; TORRES QUIRÓS, J.; LAGÓSTENA BARRIOS, L.; PRIETO REINA, O. (2000) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía gaditana en época republicana: La intervención de urgencia en Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Graficas Sol, p. 175-185.
- GUERRERO AYUSO, V. M. (1984) - *Asentamiento púnico de Na Guardis*. Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 123).
- GUERRERO AYUSO, V. M. (1986) - Una aportación al estudio de las ánforas púnicas Maña C. *Archaeonautica*. Paris. 6, p. 147-196.
- GUERRERO AYUSO, V. M.; ROLDÁN BERNAL, B. (1992) - *Catálogo de las ánforas prerromanas*. Cartagena: Museo Nacional de Arqueología Marítima.

- GUIART I DURAN, J.; PERA I ISERN, J.; CARRERAS MONFORT, C. (1998) - La presència del vi itàlic a les fundacions urbanes del principi del segle I a.C. a l'interior de Catalunya: l'exemple de *Iesso*. In *Actas do 2 Colloqui internacional d'Arqueologia Romana. El vi a l' antiguitat - Economia, Producció i Comerç al Mediterrani Occidental*. Badalona: Museu (Monografies Badalonines; 14), p. 39-65.
- HESNARD, A. (1990) - Les amphores In *Gaule Interne et Gaule Méditerranéenne aux IIe et Ier siècles avant J.-C.* Revue Archéologie de Narbonne. Editions du CNRS. Supplément 21, p. 47-54.
- HESNARD, A. LEMOINE, C. (1981) - Les amphores du Cécude et du falerne: Prospection, typologie et analyses. In *Mélanges de l'École Française de Rome (Antiquité)*. 93, p. 243-295.
- HESNARD, A.; MONIQUE, R.; ARTHUR, P.; PICON, M.; TCHERNIA, A. (1989) - Aires de production des gréco-italiques et des Dr. 1. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Collection de l'École Française de Rome. 114. École Française de Rome. Rome, p. 21-65.
- KALB, P., HÖCK, M. (1998) - Moron. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 189-201
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1994) - Alfarerías romanas de el Puerto de Santa María. Un modelo de transición económica del ámbito cultural púnico al romano en la Bahía Gaditana. *Revista de História de El Puerto*. Puerto de Santa María. 13, p. 9-41.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1996a) - Explotación de la salazón en la Bahía de Cádiz en la antigüedad: Aportación al conocimiento de su evolución a través de la producción de las ánforas Maña C. *Florentia Iliberritana*. Granada. 7, p. 141-169.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1996b) - *Alfarería romana en la Bahía de Cádiz*. Publicaciones del Sur. Cádiz.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2001) - *La producción de Salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana (II a.C. - VI d.C.)*. Col. Lección Instrumenta. 11. Barcelona. Universitat de Barcelona.
- LAMBOGLIA, N. (1955) - Sulla cronologia delle anfore Romane di età repubblicana (II-I Secolo A. C.). *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 22, p. 241-270.
- LAUBENHEIMER, F. (1990) - *Le temps des amphores en Gaule. Vins, huiles et Sauces*. Collection des Hesperides. Paris. Editions Errance.
- LONG, L. (1987) - Les Épaves du Grand Congloué. Étude du journal de fouille de Fernand Benoit. *Archaeonautica*. Paris. 7, p. 9-36.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1994) - *Hispania Poena. Los fenicios en la Hispania Romana*. Barcelona: Crítica.
- McCANN, A. M. (1997) - *The Roman Port and Fishery of Cosa*. Princeton: Princeton University Press.
- MAIA, M. (1978) - Ânforas neopúnicas do sul de Portugal. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1977). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. I, p. 199-207.
- MAIA, M. (1982/83) - *Decimus Ivnus Brutus* e o significado do amuralhamento de Olisipo. *Sintria*. Sintra. 1-2:1, p. 95-106.
- MAÑÁ, J. M. (1951) - Sobre tipología de ânforas púnicas. In *Crónica del VI Congreso de Arqueología de Sudeste*. Cartagena, p. 203-210.
- MANACORDA, D. (1984) - Prosopografía e anfore tripolitane: nuove osservazione. In *Actas del Segundo Congreso Internacional. Producción y comercio del aceite en la antigüedad*. Madrid: Universidad Complutense, p. 483-500.
- MANDY, B.; GENIN, M.; GODARD, C.; KRAUSZ, S.; SANDOZ, G.; THIRION, P. (1987-88) - Un réseau de fossés défensifs aux origines de Lyon. *Gallia*. Paris. 45, p. 49-66.
- MAYET, F. (1998) - Contribuição da arqueologia subaquática para o estudo do comércio Romano. *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 7, p. 83-87.
- MAZA, G. (1998) - Recherche méthodologique sur les amphores Gréco-Italiques et Dressel 1 découvertes à Lyon II^e-I^{er} siècles avant J.C. In *Actes du Congrès d'Istres*. Paris: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 11-29.
- MOLINA VIDAL, J. (1997) - *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Universidad de Alicante-Instituto de Cultura Juan Gil-Albert.
- MORAIS, R. (1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*. London: Longman Publications.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.
- PERDIGONES MORENO, L.; MUÑOZ VICENTE, A. (1988) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 3, p. 106-112.
- RAMÓN TORRES, J. (1991) - *Las ánforas púnicas de Ibiza*. Ibiza: Museo Arqueológico de Ibiza.
- RAMÓN TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- SANMARTÍ GRECO, E. (1985) - Las ánforas romanas del campamento numantino de Pena Redonda (Garray, Soria). *Ampurias*. Barcelona. 47, p. 130-161.
- SANMARTÍ GRECO, E. (1992) - Nouvelles données sur la chronologie du Camp de Renieblas V à Numance (Soria, Castilla-León, Espagne). *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 15, p. 417-431.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, C. T.; SOARES, A. C., SOARES, J. (1987) - Nota sobre material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 7, p. 203-219.

- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da Costa Alentejana*. Lisboa. Instituto da Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1997) - Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. In *Estudos Orientais VI – Homenagem ao Professor Antônio Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 33-66.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973) - Ocupação do período proto-romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 1, p. 245-305.
- TCHERNIA, A. (1986) - *Le vin de L'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris. Difusion de Boccard
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1998) - Ânforas romanas provenientes do castro de Chibanes. *Al-madan*. Almada. 2.^a série. 7, p. 172-173.
- WILL, E. L. (1997) - The Roman amphoras. In McCANN, A., ed. - *The Roman Port and Fishery of Cosa*. Princeton: Princeton University Press, p. 171-220.